

Editorial

A revista que apresentamos traz um conjunto de artigos produzidos pelos componentes de uma rede de pesquisa sobre “Educação, Cultura e Política na América Latina”. A idéia da formação de um grupo envolvendo estudiosos de quatro países surgiu em Campinas no ano de 1997, quando estudantes da Colômbia e Argentina encontravam-se cursando doutorado na Faculdade de Educação da UNICAMP.

As reflexões que levaram à formação do grupo partiram do fato de que os congressos nacionais e internacionais têm se configurado em espaços de apresentação de trabalhos onde as discussões são, em geral, limitadas e pontuais. O grupo buscava um espaço onde as pesquisas pudessem ser apresentadas e seguidas durante tempos mais longos, onde a continuidade das discussões pudesse ser garantida.

Com tal ponto de partida foram convidados pesquisadores da UPN – Universidad Pedagógica Nacional, Colômbia, da UNPBA – Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, Argentina, da UNAM – Universidad Nacional Autónoma de Mexico e da UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas, Brasil.

O “I Encontro Internacional sobre Educação, Cultura e Política” realizado em Campinas, em maio de 1999, mostrou a viabilidade do projeto expressa através da riqueza de temas e abordagens dando conta da pluralidade da cultura desses países. Nem todos os projetos discutidos no encontro geraram artigos; dos artigos produzidos, alguns serão publicados na Revista de Educación Espacios en Blanco de Tandil, Argentina, outros estão reunidos nesta coletânea; os demais apresentarão seus primeiros resultados no II Encontro a ser realizado na cidade do México em novembro de 2000.

A definição da rede de pesquisadores da América Latina acabou por configurar-se num convite à reflexão sobre esse espaço geográfico e político cujo nome encontra-se naturalizado, mas que merece ser melhor compreendido. Em tempos de economia de bloco, quando as nações mostram-se fragilizadas diante dos grupos econômicos, criam-se outros agentes ou simplesmente novos nomes. Fala-se, por exemplo, em MERCOSUL, CEE, entre outros. As relações econômicas vão se dando dentro da lógica que lhes é própria, com alianças e concorrências, atropelando, reconfigurando ou gerando relações culturais e políticas. Fala-se em América Latina como uma “entidade” natural sustentada por um nome que, uma vez inventado, reúne um grupo de nações, também inventadas, e esse aglomerado passa a formar algum tipo de unidade política, cultural ou econômica.

Uma ocasião, em 1992, ao realizar um curso em Santiago— Chile, fui surpreendida pela “festa da raça”, em 12 de outubro. Descobri então que a data comemorada no Brasil como o dia de Nossa Senhora Aparecida era para os demais países da América Latina, o Dia da Raça, dia da solidariedade, dia em que os europeus (espanhóis) chegaram ao continente. Para os brasileiros, os europeus chegaram em 22 de abril de 1500, ou seja, oito anos mais tarde. Nesse dia, portanto, o Brasil deixa-se comemorar na sua virgem negra, coincidência estranha com aquele dia da raça.

A história dos nomes de pessoas e lugares sempre dá idéia do que se passa nas origens de um e de outro. Se inicialmente todo o continente chamou-se simplesmente América, em homenagem a Américo Vespúcio, a idéia de uma América Latina, distanciada de uma América anglo-saxônica foi concebida na França, na década de 1860, como parte de um programa político e econômico liderado por Napoleão III. A idéia da formação de um bloco político de nações latinas liderado pela França já vinha sendo defendida por Michel Chevalier, famoso economista político identificado com as idéias de Saint-Simon e Charles Fourier.

A Europa encontrava-se dividida em três blocos: os anglo-saxões e germânicos, as nações latinas do sul e os povos eslavos da Europa Oriental. Os blocos eram liderados pela Inglaterra, França e Rússia. A unidade desses blocos apoiava-se na língua e na religião. O Novo Mundo exibia a mesma dicotomia da Europa Ocidental; os Estados Unidos eram anglo-saxões e protestantes enquanto as nações hispânicas, portuguesas e francesas, eram latinas e católicas.

Para Chevalier *“Só ela [França] pode prevenir que toda esta família [as nações latinas] caia submersa na dupla inundação de germânicos ou de anglo-saxões e eslavos. À França cabe o papel de despertar os latinos da letargia em que até agora têm estado submersos nos dois hemisférios, de alçá-los ao nível das outras nações e de colocar os latinos na posição onde sua influência possa sentir-se no resto do mundo.”* (Phelan, Johon L. “El origen de la idea de America”, p.7)

A criação da idéia de uma América Latina dá-se, pois, no âmbito das lutas européias pela hegemonia política e econômica. Estudiosos do período dão conta de uma orientação francamente panlatina por parte da imprensa oficial francesa, durante o império de Napoleão III. As expedições estrangeiras à Indochina, ao México e ao Canal de Suez são expressões da política embasada no panlatinismo.

Paralelamente às ações políticas com finalidades claras, objetivos precisos e imediatos, foram construídos os argumentos destinados a permanecer mesmo quando as ações estavam fadadas ao fracasso. Um desses argumentos encontrados por Phelan na Revue des Races Latines e que produz eco até nos dias de hoje está expresso *“na convicção de que os anglo-saxões podiam ser superiores aos latinos quanto à civilização material. Os latinos, porém, tinham uma cultura espiritual mais elevada.”* (Phelan, p 13)

Esse argumento, todavia, contrasta com as palavras de Napoleão III ao comandante das forças expedicionárias francesas enviadas ao México, em 1862, buscando esclarecer-lhe as razões que levavam a França a gastar dinheiro e homens para lá garantir um governo estável.

“...Na atual situação do mundo, a prosperidade da América não é assunto indiferente à Europa, porque do Novo Mundo vêm as matérias primas que abastecem nossas fábricas e que alimentam nosso comércio. É de nosso interesse que a República dos Estados Unidos permaneça poderosa e próspera, porém não nos traz vantagem permitir que ela se converta em amo do Golfo do México, para a partir daí dominar as Antilhas e a América do Sul e assim converter-se no único administrador dos produtos do Novo Mundo. Nos damos conta hoje, por uma triste experiência, de quão precária e inde-

fesa chega a ser a sorte de uma indústria, contra as vicissitudes, quando a fonte de sua matéria prima vem de um só mercado.

Se, pelo contrário, o México mantém sua independência e sua integridade territorial e se estabelece um governo estável com a assistência da França, nós teremos restituído à raça latina do outro lado do oceano, tanto seu poder como seu prestígio. Teremos garantido a segurança de nossas colônias nas Antilhas tanto como as da Espanha. Teremos estabelecido nossa poderosa influência no centro da América; e esta influência nos ajudará a criar imensos mercados para nosso comércio e para procurarmos matérias primas essenciais para nossa indústria.” (apud Phelan, pp. 6/10)

Se o programa político de Napoleão III, em relação ao México, foi um fiasco, a idéia de América Latina sobreviveu apesar dele, mesmo sendo uma idéia criada por europeus, uma abstração metafísica e meta-histórica ao mesmo tempo que um programa prático de ação.

Neste século, especialmente depois da Segunda Guerra Mundial, a criação de órgãos internacionais como UNESCO, CEPAL e especialmente as políticas do Banco Mundial e do Banco Interamericano de Desenvolvimento representam um novo esforço para manter a idéia dessa unidade e identidade fictícias. Agora à França juntam-se os interesses de outros países não menos alheios ao espaço geográfico da mal nomeada América Latina.

O projeto da rede de pesquisadores sobre Educação, Cultura e Política inscreve-se na linhagem dos estudos que se propõem a buscar as expressões culturais presentes nos espaços onde os pesquisadores realizam suas histórias. Tratar os conceitos, os símbolos, as criações desta ou daquela política com rigor faz parte da declaração de princípios dos pesquisadores.

Os artigos que compõem esta revista cobrem uma agenda temática que envolve: Educação Escolar, Estudos sobre Cinema e Televisão, Organizações Internacionais e Políticas Nacionais, Estudos sobre Campos Específicos do Conhecimento, sobre Obras Literárias e sobre a Construção de Identidades Nacionais.

Agueda Bernardete Bittencourt Uhle
FOCUS/FE/UNICAMP